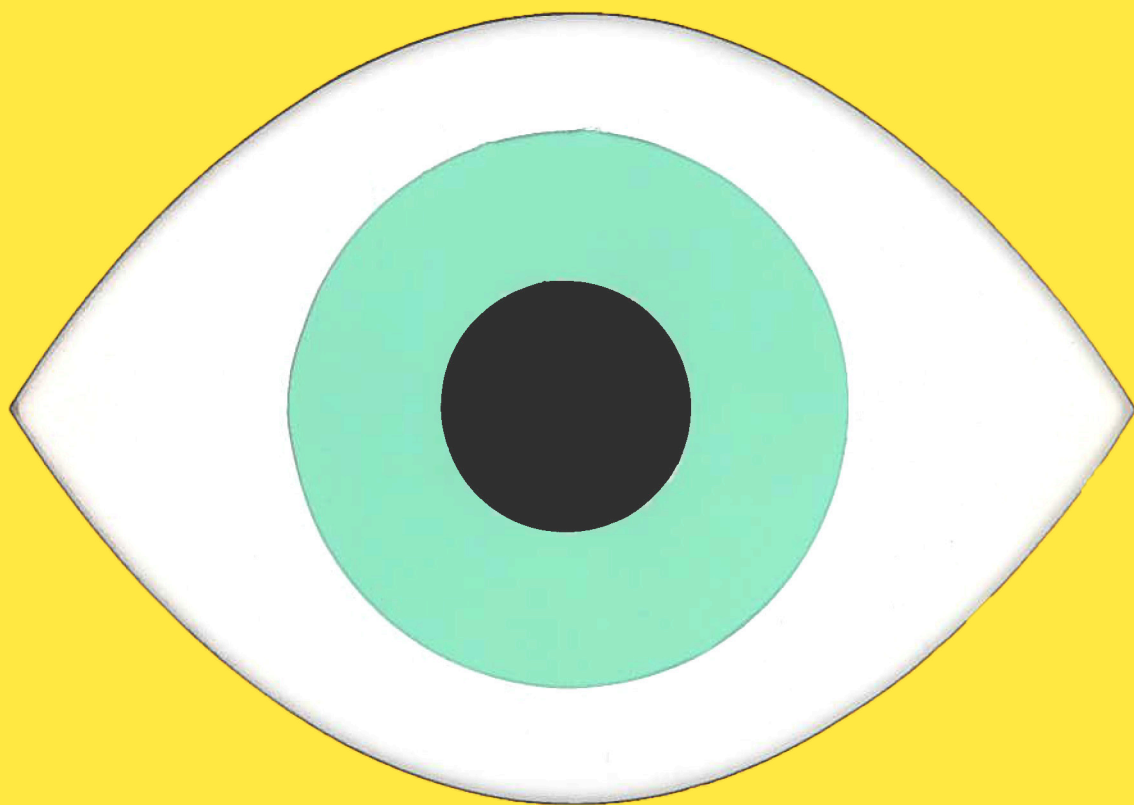


Olhar!



Olhar!

www.ggji.com.br

Descobrimo a fotografia
com Joel Meyerowitz

GG

- 6 Ver o mundo ao redor
- 8 *Timing* é tudo
- 10 O passado no presente
- 12 Ações e ângulos
- 14 O espaço entre as coisas
- 16 O poder da observação
- 18 O friso
- 20 Entrelinhas
- 22 Luz e felicidade
- 24 Homens e animais
- 26 A hora certa
- 28 Contato visual
- 30 Lusco-fusco
- 32 Natureza-morta
- 34 Ver a luz
- 36 Teatro de sombras
- 38 Divertir-se
- 40 Tudo ao mesmo tempo agora
- 42 Observar e esperar
- 44 Novas perspectivas
- 46 Vida de cachorro
- 48 A beleza do caos
- 50 Universo paralelo
- 52 O quadro dentro do quadro
- 54 Paisagens oníricas
- 56 Imagem espelhada
- 58 Encantamento
- 60 A condição humana
- 62 Você consegue ver uma história?
- 64 As coisas nem sempre são
o que parecem
- 66 Um olhar para o futuro

Ver o mundo ao redor

Escolhi as fotografias
deste livro na esperança
de levá-lo a descobrir
coisas que abram
seus olhos
e sua mente para ver
o mundo ao redor
de novas maneiras.

São fotografias de pessoas e animais, paisagens e centros urbanos, repletas de humor, mistério e surpresa, que mostram como qualquer momento de um dia comum pode ter o potencial de estimular sua mente com o lampejo de um *insight*.

O momento de **ver** é como

um **despertar.**

Temos sorte de viver numa época em que todos podem fazer fotos com *smartphones* ou máquinas fotográficas. As fotografias deste livro mostram que tipo de ferramenta os fotógrafos usam: intuição, *timing*, ponto de vista, paciência e coragem para se aproximar – táticas que tornam a beleza e o sentido, antes ocultos, visíveis. Todas essas coisas estão presentes na maneira como naturalmente olhamos para o mundo, mas você precisa estar atento a elas se quiser *realmente enxergar*.

O que você percebe reflete
a maneira como o mundo fala com você,
e somente com você.

Você pode ou não ter a capacidade
de mudar o mundo, mas o mundo
certamente pode mudar você.

—Joel Meyerowitz

Timing é tudo

Timing é tudo. Dizemos isso quando um atleta acerta uma bola em cheio ou mergulha para salvar um ponto impossível, ou quando um humorista revela a parte final de uma piada e todos começam a rir.

Para fotógrafos como Henri Cartier-Bresson, porém, *timing* é salvar um momento efêmero do esquecimento e da passagem do tempo – é encontrar o que ele chamou de “instante decisivo”.

Cartier-Bresson estava caminhando atrás da *gare* Saint-Lazare, estação de trens em Paris, quando avistou uma passarela improvisada sobre uma imensa poça d’água e um homem correndo para, como podemos ver, preparar um salto inútil, numa tentativa de não se molhar.

Cartier-Bresson, que estava sempre com a câmera na mão, fez esta fantástica “captura” do homem em pleno ar

o seu calcanhar paira logo acima da água e do reflexo borrado. A foto não mostra a queda, apenas o momento imediatamente anterior, quando o homem e sua imagem refletida estão prestes a tocar a água. Que *timing*! A queda talvez produzisse uma foto mais engraçada, mas esta capta a expectativa do que está prestes a acontecer.

Olhando mais de perto, porém, percebemos que há mais para ser visto do que apenas o movimento do homem que salta. Na parede ao fundo, vemos o pôster de uma companhia de balé e, nele, uma bailarina dando um salto exatamente igual ao do homem. Cartier-Bresson também o viu e compreendeu que esse espelhamento seria percebido por qualquer pessoa que examinasse a fotografia com atenção.

***Timing* é ver o que está acontecendo, o que está prestes a acontecer, e onde está acontecendo,**

o que não é nada fácil.

Perto do pôster, atrás da grade, um homem acompanha a cena, exatamente como Cartier-Bresson. A diferença é que Cartier-Bresson tinha uma máquina fotográfica e fez a foto.



O passado no presente

Esta fotografia foi feita em Paris há mais de cem anos por Eugène Atget, que fotografou a cidade inteira enquanto ela se transformava e se modernizava. Ele queria registrar as pessoas e os lugares daquela época antes que desaparecessem e fossem esquecidos. As pessoas pareciam diferentes e se vestiam de maneira diferente, mas quando eu era criança alguns músicos de rua ainda tocavam realejos, caixinhas de música portáteis como a da foto.

O homem retratado é um tocador de realejo; a menina, provavelmente sua filha,

eles eram artistas ambulantes, tocavam e cantavam nas ruas por alguns trocados.

Tenho certeza de que Atget pediu-lhes que cantassem enquanto os fotografava – precisava fixar uma grande câmera de madeira num tripé. Ele acompanhou os movimentos do homem, que girou a manivela para repetir sua canção. Dessa vez, porém, o músico ergueu levemente a cabeça – talvez sentisse orgulho de estar sendo fotografado por Atget. No mesmo instante, a menina pousou a mão esticada no realejo e sentiu suas vibrações pelo corpo enquanto cantava para os céus.

Olhe atentamente para o rosto dela.
Ela parece exultar de alegria – é o que seu sorriso sugere. Somente uma pessoa como

Atget,

que conhecia o teatro das ruas e o *timing*
exato de seus gestuais, poderia ter

antecipado esse movimento de pura emoção, capturando-o numa fotografia

Músicos de rua continuam se apresentando nas grandes cidades, mas hoje eles se parecem conosco e tocam instrumentos que conhecemos melhor. A fotografia pode nos fazer viajar no tempo, visitar o passado; ela pode transportar um momento de uma época para outra. Um dia, nossa época também parecerá distante e estranha.

